

O estado da arte da pesquisa sobre TV Universitária¹

Ana Paula Vieira de Souza²

Edgard Rebouças³

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Este artigo mostra o estado da arte da pesquisa sobre TV Universitária no Brasil com base em duas plataformas: Portal de Periódicos da Capes e Anais dos Congressos Nacionais da Intercom realizados entre 2000 e 2014. Foram selecionadas 30 referências bibliográficas, entre teses, dissertações e artigos. Além da pesquisa bibliográfica, a pesquisa quantitativa e qualitativa acerca das referências encontradas constata que o objeto “TV Universitária”: 1) é pouco estudado; 2) há uma recorrente confusão conceitual sobre ele; 3) as pesquisas existentes estão restritas a fóruns específicos e a poucos pesquisadores, que se repetem nas referências, além de, muitas vezes, serem funcionários e/ou coordenadores das TVs em estudo. É possível inferir, portanto, que há um paradoxo: a Universidade - locus da pesquisa e construção de conhecimento - não reflete sobre a TV que produz.

Palavras-chave: TV Universitária; estado da arte; Educomunicação.

Introdução

Este artigo integra uma pesquisa de mestrado intitulada “*A TV Universitária e sua relação com as Indústrias Culturais e Midiáticas*”, que tem o objetivo geral de verificar se a TV Universitária - enquanto constituinte de um sistema público de comunicação -, se contrapõe às lógicas mercantis do modelo comercial de televisão, ou reproduz as mesmas lógicas e perfis editoriais destes meios hegemônicos.

Para proceder a esta investigação, é necessário entender o que é a TV Universitária, quais suas finalidades, propostas e formas de atuação, além do contexto econômico, político, social e cultural em que está inserida, no sentido de compreender seu verdadeiro papel e suas potencialidades de atuação. Neste artigo, expõe-se o estado da arte da pesquisa sobre TV Universitária, a partir de duas plataformas: o portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e os anais dos Congressos Nacionais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) disponíveis em seu site (abrangendo os anos 2000 a 2014).

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, que “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41). Além da pesquisa bibliográfica, realizou-se um levantamento quantitativo e qualitativo, que enumerou os trabalhos encontrados e,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

² Mestranda em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo e jornalista da TV Ufes.

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Ufes e orientador da pesquisa.

posteriormente, classificou-os de acordo com afinidades temáticas, mas abordando também outras categorias, como problema, objetivos e método.

As buscas nos Portais da Capes e da Intercom, realizadas nos meses de maio e junho de 2015, utilizaram o termo “TV Universitária”. Nesta fase, consideramos os resultados que tivessem o termo no título ou entre as palavras-chave do trabalho. Após a seleção dos trabalhos, procedeu-se à leitura, sistematização e análise dos mesmos, com vistas à construção do chamado estado da arte, segundo Alves (1992), um procedimento que ajuda o pesquisador a melhor definir seu objeto de pesquisa, selecionar teorias e instrumentos, além de proporcionar a familiarização com os estudos na área.

De acordo com Alves (1992), o estado da arte, apesar de importantíssimo, ainda é pouco realizado no Brasil. Encontrado na maior parte das vezes apenas em capítulos de teses e dissertações, deveria ser mais utilizado, na opinião da autora.

A produção do conhecimento não é um empreendimento isolado. É uma construção coletiva da comunidade científica, um processo continuado de busca, no qual cada nova investigação se insere, complementando ou contestando contribuições anteriormente dadas ao estudo do tema. A proposição adequada de um problema de pesquisa exige, portanto, que o pesquisador se situe nesse processo, analisando criticamente o estado atual do conhecimento em sua área de interesse, comparando e contrastando abordagens teórico-metodológicas utilizadas e avaliando o peso e a confiabilidade de resultados de pesquisa, de modo a identificar pontos de consenso, bem como controvérsias, regiões de sombra e lacunas que merecem ser esclarecidas (ALVES, 1992, p. 54).

Sendo assim, empreende-se nesse artigo um estado da arte que teve como objetivo contribuir para a delimitação do objeto de pesquisa – a TV Universitária - e a contextualização desse objeto na pesquisa produzida recentemente no Brasil.

A escassez de estudos

Uma das inquietações que motivaram a pesquisa de mestrado da qual este artigo faz parte foi justamente a constatação de que o objeto TV Universitária era pouquíssimo debatido, o que expõe um paradoxo: a própria academia não reflete cientificamente sobre a TV que produz. Este estado da arte prova esta constatação, feita informalmente em 2013.

No mercado editorial, foi encontrado um livro sobre o tema: “*TV Universitária: limites e possibilidades*” (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002). Além dele, algumas teses e dissertações abordam o tema. Neste artigo, restringimos a busca de teses e dissertações pelo Portal de Periódicos da Capes, que enumerou uma tese e cinco dissertações. A tese foi feita na Universidade de São Paulo: “*O perfil da TV Universitária e uma proposta de programação interativa*” (2010), de autoria de Alzimar Rodrigues Ramalho.

Entre as cinco dissertações de mestrado, excluímos inicialmente desta análise o trabalho *“Estudo da estruturação prosódica de repórteres da TV Universitária – Unicamp antes e após intervenção fonoaudiológica”*, por ser uma pesquisa da área de Linguística, que somente utilizou a TV Universitária como campo de aplicação. A partir das leituras preliminares dos sumários e introduções, decidimos excluir também os trabalhos que só utilizam a TV Unesp como “pano de fundo” para a proposta de um programa – no caso da pesquisa *“O tempo como notícia e serviço na televisão digital: proposta de produto para televisão universitária Unesp – HD”* – e para a análise de um programa já existente na referida TV – no trabalho *“Interatividade na TV Digital Universitária: programa Debate Livre”*. Nenhuma destas pesquisas se refere ao debate sobre conceitos, formas de atuação e funções da TV Universitária, por isso não se justificam no escopo deste artigo.

Este estado da arte enumerou ainda 24 artigos sobre TV Universitária: três deles encontrados no Portal de Periódicos da Capes e 21 nos anais dos Congressos Nacionais da Intercom. Dentre os artigos encontrados no Portal da Capes, um deles chamou atenção pela forma: com apenas uma página, mais parece um resumo. Outro detalhe: destes três artigos, dois são de autoria de estudantes e professores da Unesp – o que aponta para o predomínio desta Universidade na produção científica sobre o tema.

O número inicial, portanto, é de trinta referências bibliográficas encontradas contendo o termo “TV Universitária” no título ou entre as palavras-chave, levando-se em consideração as duas plataformas em análise. Tendo em vista que o Portal de Periódicos da Capes, segundo seu site, conta com um acervo de mais de 37 mil títulos com texto completo, 126 bases referenciais, 11 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de outros materiais de referência, nove resultados encontrados pode ser considerado um número irrisório. Somando-se ainda o fato de os Congressos Nacionais da Intercom terem contado, em média, com 900 trabalhos apresentados anualmente, dos quais 21 foram relacionados ao tema “TV Universitária”, entre 2000 e 2014, o número se mostra pequeno também nesta segunda base.

Em termos quantitativos, pode-se concluir que, de fato, a TV Universitária é pouco estudada, ou seja, há um desinteresse pelo tema enquanto objeto científico. Pode-se depreender a partir destes números que este “desprezo”, em certa medida, vem da dificuldade de consolidação da TV Universitária pois, apesar da primeira ter sido inaugurada em 1968, ainda hoje não há definições acerca de seu papel e atuação. Priolli (2007, p. 1) critica:

Chega ser cômica a contradição que se estabelece, quando o forte criticismo da universidade para qualquer tema da televisão defronta-se com a sua insegurança de apropriar-se, ela mesma, dessa tecnologia que adora demonizar. (...) A universidade tem dificuldades em compreender a televisão

na exata medida de sua influência sobre a cultura, a política e os costumes. Tende a superdimensioná-la, seja para o mal (a máquina de fazer doidos, a máquina de chupar cérebros), seja para o bem (a mídia efficientíssima, o canal de comunicação onipotente). E como não consegue apreendê-la na inteireza de suas ambigüidades, poderes e limitações, hesita diante dela, quando ela se oferece ao uso.

Diante do paradoxo, para completar este estado da arte e compreender o quadro, procedeu-se também a uma análise qualitativa, após a leitura dos trinta trabalhos. As principais categorias observadas foram: métodos, referenciais teóricos e temas.

Análise: teses e dissertações

A única tese encontrada no Portal de Periódicos, de autoria de Alzimar Ramalho, “*O perfil da TV Universitária e uma proposta de programação interativa*” (2010) pode ser considerada um trabalho de referência no estudo sobre TV Universitária; tanto é que está entre as referências bibliográficas de muitos dos artigos analisados nesta pesquisa. Em uma abordagem ampla, a autora apresenta modelos de televisão pública pelo mundo e faz um mapa das TVs Universitárias no Brasil, onde aborda a institucionalidade, forma de gestão, participação da comunidade universitária na produção de conteúdos e suportes de veiculação. Após traçar esse perfil, Ramalho chegou a uma conclusão, segundo ela, “surpreendente”: o subaproveitamento da internet como plataforma de difusão dos conteúdos das TVs Universitárias. É claro que, de 2010 até o presente momento, a utilização da internet já mudou bastante, e uma outra análise precisaria ser feita quanto ao aproveitamento deste por essas TVs, mas a tese continua sendo uma referência para os estudos sobre esse objeto.

A dissertação “*TVs Universitárias: um panorama das emissoras no Rio Grande do Sul*” é a mais antiga entre a tese e dissertações aqui analisadas, data de 2007. Este trabalho também começa por um caminho histórico e discussão conceitual acerca da TV pública Brasil, situando a TV Universitária neste segmento. Depois dessa discussão inicial, o trabalho conta a trajetória das onze TVs analisadas, abordando histórico, programação, meios de transmissão, equipe, público-alvo, institucionalidade e manutenção financeira.

O panorama das emissoras do Rio Grande do Sul é feito com detalhes e, na sequência, vem uma análise teórica. Revelam-se as fragilidades das TVs Universitárias daquele estado, que se acredita serem também características de outras TVs, portanto, o estudo é relevante e “aplicável” a outras realidades. Até porque, a própria pesquisa destaca que não há homogeneidade no campo das TVs Universitárias:

(...) chegamos à conclusão de que as emissoras pesquisadas neste estudo enquadram-se nesta descrição e são, portanto, TVs universitárias, ainda que

algumas não se considerem como tal. A falta de uma reflexão teórica, que deveria vir antes do “fazer TV”, mostra, também, nas emissoras do Rio Grande do Sul a falta de clareza e profundidade manifestada pelos coordenadores sobre os objetivos desses canais. Em decorrência desse fato, muitos reconheceram que sentem insegurança ao conceituar a modalidade. O fato é que hoje se produz televisão universitária e as emissoras têm perfis, objetivos, estruturas e programas diferenciados, que acabam sendo resultado da realidade em que o canal está inserido e do que busca, mesmo que de maneira ainda não tão clara (CALLIGARO, 2007, p. 291).

A dissertação *“TV Universitária, um modelo de gestão em construção: TV Unaerp de Ribeirão Preto”* (2012), de Flavia Cortese Martelli, faz um amplo debate sobre o objeto científico aqui analisado, com foco na forma de gestão das TVs Universitárias e na sua sustentabilidade. Para tal, a autora se ancora na legislação e, após o debate sobre as políticas públicas de Comunicação, a dissertação aborda os conceitos de TV pública e TV Universitária – discutindo-os com base no referencial teórico Habermasiano – e defendendo esses veículos como esfera pública.

Neste sentido, tanto esta dissertação quanto a tese já mencionada, ao começarem a análise pela discussão do que é a televisão pública, reafirmam e defendem que a TV Universitária tem essa vocação pública e faz parte de um sistema público de comunicação, portanto, deve primar pela promoção da cidadania, da educação e da participação democrática.

Na parte final da dissertação, ao abordar as pesquisas de campo e o caso específico estudado, os dados mostram que as *“TVs Universitárias não possuem um modelo único de gestão”* (MARTELLI, 2012, p. 91). Para a pesquisadora, *“Melhorar a TV universitária começa pela ousadia de compreendê-la e o desafio de criar novos padrões”* (MARTELLI, 2012, p. 94). Esses “novos padrões”, segundo ela, deveriam incluir a captação de recursos externos via editais de fomento, a instituição de uma personalidade jurídica para a TV de forma independente da instituição e a profissionalização das TVs Universitárias. Percebe-se que a importância deste trabalho está em apontar um diagnóstico concreto sobre a manutenção e sustentabilidade financeira das TVs Universitárias, discutindo um assunto que é vital para o desenvolvimento de uma televisão de qualidade.

Análise: artigos

Dos três artigos encontrados no Portal de Periódicos da Capes, somente foi possível considerar um deles na presente análise. O trabalho *“A TV Unesp Assis como meio de divulgação das atividades de ensino, pesquisa, extensão e cultura desenvolvidas pela FCL – Assis”* publicado em uma revista de Extensão, assemelha-se a um relato de um projeto de

extensão que, obviamente, tem seu mérito, mas não se encaixa nas discussões propostas neste artigo, pois trata o tema de forma muito rápida.

O artigo “*Jornalismo Audiovisual: Da tela da TV para outras telas*” apenas cita a TV Universitária em seu resumo, mas ao longo do texto traça uma discussão sobre as semelhanças e diferenças entre o telejornalismo feito para TV aberta e o jornalismo audiovisual produzido para outras telas; portanto, também o excluímos desta análise.

Sendo assim, no Portal de Periódicos da Capes, somente um artigo se enquadrava neste estado da arte da pesquisa sobre TV Universitária: “*Televisão universitária como ensino, pesquisa e extensão: 45 anos da experiência brasileira*”. Este artigo traça um histórico da TV Universitária no Brasil, desde 1967 – com o decreto-lei 236 -, fazendo um panorama completo até as potencialidades e desafios atuais da TV Universitária. Como o artigo é de 2013, trata-se de uma análise bem atual do veículo, que considera também as mudanças e oportunidades diante da TV Digital e da chamada “nova lei da TV paga”, a lei nº 12.485, de 2011. Trata-se, portanto, de um texto de referência para aqueles que desejam ter um panorama geral sobre TV Universitária, passando pelo seu desenvolvimento e abrangendo também seus atuais problemas e oportunidades.

Antes de proceder à análise dos 21 artigos encontrados nos anais dos congressos nacionais da Intercom entre os anos de 2000 e 2014, destaca-se a importância deste fórum. Criada em 1977, a Intercom se consolidou como uma das mais importantes entidades representativas dos estudos em Comunicação, que reúne anualmente cerca de 3.500 pessoas em seus congressos nacionais, entre estudantes de graduação e de pós-graduação e profissionais da área. Portanto, trata-se de um fórum significativo no que tange às pesquisas em Comunicação, promotor de vários eventos da área, por isso justifica-se sua escolha para análise nesta pesquisa.

Dentre os 21 artigos selecionados, alguns dados gerais chamam a atenção. Doze deles abordam casos específicos, discutindo determinado canal universitário ou determinado programa de um canal universitário. Outro dado relevante: destes 21, dez artigos têm, entre seus autores, pessoas ligadas formalmente às TVs Universitárias estudadas; sejam professores que coordenam projetos nestas TVs, ou até mesmo o processo de implantação da referida TV, ou profissionais que nelas atuam como jornalistas, produtores, entre outros. Este detalhe apresenta duas faces: primeiramente, a qualificação daqueles que atuam nas TVs Universitárias; por outro lado, percebe-se que, além de escasso, o estudo sobre este objeto está praticamente restrito às pessoas que trabalham nestas TVs, mais uma constatação que prova o desinteresse pelo objeto, a não ser que se esteja formalmente ligado a ele.

Considerando ainda que alguns autores apresentaram mais de um trabalho durante esses anos, diminui-se o número de pessoas estudando TV Universitária e, conseqüentemente, a variedade de temas abordados, já que na maioria das vezes são artigos relacionados, pertencentes a uma mesma pesquisa. Dentre estes 21 artigos analisados, temos 13 autores ou grupos de autores diferentes. Nesse espaço de tempo, Vilma Silva Lima apresenta três artigos; Denise Accioly; Betânia Maria Vilas Bôas Barreto em co-autoria com Rita Virginia Argollo; e Vanessa Maia apresentam dois artigos cada e um dos autores tem um artigo nos anais da Intercom e outro no Portal de Periódicos da Capes, Cláudio Marcio Magalhães. A sensação que fica é que são sempre as mesmas pessoas estudando a TV Universitária.

A seguir, a sistematização dos artigos encontrados nos Anais dos Congressos Nacionais da Intercom, agrupados de acordo com algumas temáticas.

A preocupação com o público

Quanto aos temas abordados, a preocupação científica de se identificar o público a que se destina a TV Universitária aparece em sete artigos, sob diferentes perspectivas. Dois deles se caracterizam como pesquisas de recepção, um utiliza questionários com questões abertas e fechadas, um se afirma uma pesquisa “exploratória e descritiva”, um é estudo de caso e dois deles não apresentam o método utilizado.

O artigo “*CNU: a TV Universitária no mercado televisivo paulistano*” faz algumas referências à discussão sobre o público, mas sem uma aplicação metodológica clara, utiliza impressões da autora sobre a realidade do Canal Universitário de São Paulo e algumas referências bibliográficas. Ao final, chega à conclusão de que o público da TV Universitária ainda é uma incógnita.

As pesquisas “*A Relação entre a Programação, a Publicidade e a Recepção da FURB TV – Televisão Universitária de Blumenau*” e “*Elementos em torno da implantação de uma televisão universitária: experiências da TV UESC*” são pesquisas de recepção realizada nas cidades de Blumenau (FURB TV) e Ilhéus (TV UESC) mas que trazem dados importantes para outras TVs Universitárias. A primeira categorizou a opinião do público sobre a TV como didática, desconhecida, desleixada e distante (LAURINDO e BEATRICE, 2006). Percebeu-se que há um interesse e uma credibilidade do público em relação à TV e que, quanto mais próximo da realidade local, não apenas focada na discussão acadêmica, mais o público se identifica com ela, o que mostra o potencial local e público das TVs Universitárias. A segunda pesquisa também concluiu que ainda há uma certa distância entre o público e a TV Universitária, mas que ele tem interesse no Canal; todos os respondentes confirmaram a

importância da TV e 80% disseram já ter assistido alguma vez (ARGOLLO e BARRETO, 2008).

No trabalho “*A Difusão do Conhecimento Científico Produzido Pela Universidade e Transmitido pela Televisão Universitária*”, a discussão sobre o público é feita a partir de uma pesquisa com os alunos da UFRN por meio de um questionário; portanto, questionamos se neste caso é possível afirmar que se trata de uma pesquisa que tenta identificar o público da TVU RN ou que tenta identificar a opinião dos alunos sobre a TVU RN.

Em outros anos de Intercom, as pesquisadoras que abordaram os casos do Canal Universitário de São Paulo e da TV Uesc apresentam novos artigos que contêm a preocupação com o público da TV Universitária. No caso da pesquisa de São Paulo, não há muitas novidades sobre os dados do público, e o trabalho da Bahia traz mais alguns dados de uma pesquisa de opinião realizada com telespectadores da TV, mas restritos à recepção dos programas daquela TV especificamente. O artigo “*TV Universitária de Votuporanga: um estudo sobre o veículo - situação e possibilidades*” afirma fazer uma pesquisa sobre o perfil da audiência, teoriza algumas questões, mas os dados sobre os resultados da pesquisa se restringem a um parágrafo no final do trabalho, sem uma análise mais concreta.

A discussão sobre o público da TV Universitária de fato revela um grande vazio de informação. Por mais que o assunto seja abordado em diversos artigos e trabalhos, ainda não há considerações conclusivas, o que leva a outros problemas. Segundo a ABTU, há uma grande dificuldade de posicionamento e definição de estratégias de programação, pelo desconhecimento do público-alvo das TVs Universitárias, então elas não sabem para quem falam, se para o público em geral ou se apenas para a própria comunidade acadêmica.

O desconhecimento do público, portanto, é uma grande preocupação da pesquisa sobre TV Universitária, presente em quase um terço dos artigos encontrados nos Anais da Intercom aqui pesquisados.

O foco no Telejornalismo

Cinco dos 21 artigos têm foco no telejornalismo praticado nas TVs Universitárias. A preocupação com o jornalismo é coerente como fato de que as TVs Universitárias enfatizam esse gênero. Segundo Ramalho (2009), as temáticas dos programas geralmente são ligadas a educação e cultura, e os gêneros mais utilizados são os discursivos (entrevistas, debates, palestras), enquanto os programas de entretenimento, e de ficção são exibidos em menor escala, pela carência de recursos técnicos e de pessoal exigido nesses formatos.

O artigo *“TV Rede UUV: colaboração e experimentalismo na TV Universitária”* aborda a importância da participação dos alunos na produção da TV para a formação deles. Neste caso, aborda-se a TV Universitária como espaço laboratorial e de formação para os graduandos em Jornalismo.

No artigo *“TVs Universitárias como Espaço para a Prática do Jornalismo Público”*, o foco também é o telejornalismo praticado pela TV em questão, defendendo que a TV Universitária deve praticar o jornalismo público.

Em *“Notícia com afeto: a televisão universitária como agente de construção das identidades”*, o programa TV Feevale Notícias é analisado sob o ponto de vista da sua influência na construção das identidades locais a partir das notícias sobre a comunidade em que está inserido, ficando claro o potencial da TV Universitária nos níveis local e regional.

O artigo *“Proposta de Implementação de Ações Multimídia nos Programas Jornalísticos da Televisão Universitária Unesp – TV Unesp”* enfatiza o processo de produção jornalística, com vistas à emergência da TV digital, defendendo que o jornalismo produzido pelas TVs Universitárias tem que se adaptar a esta nova tecnologia, se inserindo nos padrões do que chamam de “jornalismo multimídia”.

“TV Universitária: possibilidades de diálogo com o Jornalismo Científico” coloca a TV Universitária como espaço para o desenvolvimento do jornalismo científico, a partir da análise do programa “Conexão Ciência”. Neste caso, defende-se a vocação da TV Universitária para a divulgação científica das pesquisas das instituições.

A breve análise deste cinco artigos aponta elementos importantes na constituição da TV Universitária como um todo, não somente nas produções jornalísticas, mostrando como suas potencialidades a divulgação científica, a vocação local da TV, a sua importância como espaço laboratorial e de experimentação, e o seu caráter público.

Discussões teóricas

Dos 21 artigos da Intercom, identificamos cinco que se dedicam especificamente a debates teóricos acerca da TV Universitária, sem citar um caso específico ou analisar determinado programa. Destes cinco trabalhos, um chama atenção pelo referencial teórico diferente do que se identificou ser o mais comumente utilizado na discussão sobre TV Universitária. *“Como é que chama o nome disso? Comunicação, Educação e Televisão: Uma aposta no hibridismo das televisões universitárias”* define a TV Universitária como uma “televisão de fronteira” segundo Homi Bhabha. Outra excepcionalidade deste artigo é que, no universo deste estado da arte, é o único que não tem entre seus questionamentos entender a função da TV Universitária, o que é, para que serve: “(...) a ausência de definição do que é ou

do que poder vir a ser uma tevê universitária não é o problema desta tevê, muito pelo contrário, é sua potência” (FONSECA E RANGEL, 2009, p.1).

Dois artigos, entre aqueles considerados teóricos, discutem a TV Universitária diante da emergência da TV Digital no Brasil. *“Reprodutibilidade técnica em tempos de digitalização da Tevê Universitária Brasileira”* parte das ideias de Walter Benjamin e defende que digitalização da TV Universitária ampliaria o acesso às pesquisas e ao conhecimento produzido nas Universidades. Neste trabalho, Lima (2006) defende que se para Benjamin a reprodução mecânica significou a disseminação das artes, para os canais universitários a tevê digital significaria a diminuição do espaço entre a disseminação do saber acadêmico e a sociedade. Porém, o artigo não traz muitas informações sobre a TV Digital.

O trabalho *“Os Sinos e a TV Universitária: O Papel das IES e suas Emissoras em Tempos de Convergência”* defende que a TV Universitária deveria ser vanguarda na discussão e implantação da TV Digital e em tempos de convergência tecnológica. Porém, para Magalhães (2011) a TV Universitária ainda está à margem deste debate que envolve a implantação da TV Digital e seus aspectos revolucionários como a interatividade e a multiprogramação. Este segundo trabalho discute mais a fundo alguns pontos relativos à TV Digital e destaca a interatividade que, segundo o autor, é a característica mais lembrada quando se fala em TV Digital. Para ele, a interatividade é a “grande esperança da inclusão social, aproveitando-se da penetração da televisão no Brasil” (MAGALHÃES, 2011, p. 4); lembrando que esta dimensão está no Decreto 4.901, de 23/11/2003.

Outros dois artigos aqui categorizados como “teóricos” trazem discussões bastante conceituais sobre TV Universitária. O trabalho *“TV Universitária: A Televisão da Universidade”* destaca-se por refletir acerca da própria Universidade; ou seja, para conceituar a TV Universitária e entender o seu papel, é preciso considerar o ambiente em que está inserida. O olhar da autora enfatiza principalmente o futuro da Universidade e de sua TV:

Trabalha-se para dar estabilidade e continuidade aos projetos de TV existentes, para que se possa avançar rumo àquilo que se espera da Universidade e que a Televisão Universitária também poderá oferecer, no futuro: a experimentação, a criação de formatos e padrões e a oferta de uma alternativa de produção televisiva voltada para a cidadania e a democratização da informação e do conhecimento, o apoio à educação e o incremento cultural nacional e local (ACCIOLY, 2009, p. 12)

Porém, a autora conclui, citando Priolli (2003), que a Universidade ainda tem dificuldades em compreender a TV Universitária.

Outra discussão encontrada entre os trabalhos teóricos relaciona-se aos meios de transmissão utilizados pelas TVs Universitárias e as características implícitas à escolha de cada um deles. O artigo *“Radiodifusão, Cabodifusão e Internet: os canais da TV universitária e suas diferenças”* faz um panorama histórico que justifica as principais escolhas por determinada tecnologia em alguns momentos do desenvolvimento da TV Universitária no Brasil, abordando a legislação sobre radiodifusão, cabodifusão e a Comunicação, de modo geral. Porém, destacamos aqui a segunda parte da pesquisa, que aborda um mapa de distribuição das TVs Universitárias pelo país (assunto que ainda não tinha sido apresentado em outro artigo). O predomínio geográfico das TVs nas regiões Sul e Sudeste – com 43 veículos – em contraposição aos 13 somados entre as regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte, e a existência majoritária na cabodifusão foram as primeiras constatações. Chama atenção um terceiro ponto: 57% das TVUs estão no interior e 43%, nas capitais:

O estudo aponta um quadro curioso: fora das capitais, a plataforma mais utilizada é a TV fechada; nas capitais, a TV aberta. Todavia, o número de televisões universitárias que utiliza o sistema fechado é duas vezes superior àquelas que usam o sinal aberto. Dessa maneira, percebe-se um paradoxo, no fato de que a grande maioria das universidades que possuem um canal de televisão encontra-se fora da capital. Ora, se, em regra, as maiores e mais influentes universidades, tais como as federais, localizam-se nas capitais, presumir-se-ia que ali houvesse uma maior concentração de canais universitários. Porém, o resultado indica que o fenômeno da televisão universitária caracteriza-se por ser uma atividade concentrada em instituições do interior, intensamente dependentes dos sistemas fechados de distribuição (BRITTOS et. al., 2011, p.10-11).

Quanto ao meio de transmissão, nenhuma das TVs estudadas reúne as três possibilidades e apenas 10 possuem distribuição tanto em sinal aberto quanto fechado (BRITTOS et. al., 2011). Ressalta-se a importância destes dados, que ainda não tinham sido abordados nos trabalhos considerados neste estado da arte.

A formação dos estudantes

Concluindo o conjunto dos artigos selecionados nos Anais da Intercom, dois deles abordam a importância da atuação na TV Universitária para estudantes de graduação dos cursos de Comunicação. No artigo *“Entre o Mercado e Universidade: Reflexões Sobre o Processo de Construção do Conhecimento e a Formação Profissional na TV UESC”*, 27 bolsistas e ex-bolsistas da TV Uesc foram entrevistados. Já no trabalho *“Estéticas de vídeo e existência na ambiência da tevê universitária”*, aparecem falas de estudantes que atuam na TV Faesa, mas sem descrever exatamente o método utilizado, só fica claro que esses dados fazem parte de uma pesquisa de doutorado na qual o artigo está inserido.

Em ambos os casos as conclusões apontam para a importância da experiência na TV Universitária para a formação dos estudantes, sendo que no primeiro as falas e análises estão mais voltadas para a formação profissional e preparação para o mercado de trabalho, enquanto no segundo enfatiza-se também a influência na constituição das subjetividades dos estudantes e das suas experiências pessoais e de vida.

Não tinha sido elencado ainda o artigo “*Funções e projeto de rádios e TVs universitárias: a experiência da UFSCar na implementação de seus veículos*”, não abordado aqui mais profundamente porque no de publicação, não tinha sido iniciada a implantação da TV da UFSCar, ficando o artigo mais restrito à experiência da rádio.

Análise do referencial teórico

Quanto às referências bibliográficas, a legislação pertinente ao assunto é abordada na maioria dos casos, com destaque para o decreto-lei nº 236, a Lei nº 8.977, e Lei nº 12.485. Documentos produzidos pela ABTU, pelo Coletivo Intervezes e por eventos da área, como o Fórum Nacional de TVs Públicas, também são muito usados. Entre os livros mais utilizados, estão obras de Jesús Martin-Barbero, Flávio Porcello, Laurindo Lalo Leal e Omar Rincón. Entre os artigos, dissertações ou teses mais citadas, destacam-se os de autoria dos pesquisadores Alzimar Ramalho, Cláudio Márcio Magalhães, Teresa Otondo, Gabriel Priolli.

Considerações finais

Ao final do estudo, conclui-se que esse estado da arte pode confirmar algumas constatações acerca da pesquisa sobre TV Universitária no Brasil. Primeiramente, é perceptível que se trata de um objeto científico pouco estudado. Além de serem poucas referências, quando se olha para este objeto, na maioria das vezes o olhar é isolado, direcionado a um canal, um programa, um projeto ou uma iniciativa específica; ou, em alguns casos, a TV Universitária é apenas o campo de aplicação de diversas pesquisas, aparecendo de forma contextual. Ao longo dos anos aqui considerados, não se percebe um crescimento substantivo na quantidade dos estudos, nem dos pesquisadores envolvidos; as obras de referência continuam as mesmas, de um mesmo grupo de autores – Gabriel Priolli, Cláudio Magalhães e Alzimar Ramalho sendo os principais deles. O que corrobora o fato de que estão estudando TV Universitária aqueles que, de alguma forma, se veem ligados a elas – muitas vezes por um vínculo profissional.

Do ponto de vista qualitativo, a abordagem das pesquisas demonstra um recorrente equívoco: a confusão de termos – TV Universitária, TV Educativa, TV Cultural, TV Universitária Educativa – são os mais utilizados. A questão é que não se trata apenas de um

mal entendido acerca do nome, mas de uma encruzilhada conceitual; pois se continua a buscar uma definição para TV Universitária; ou seja, ela continua sem saber quem é e para que serve. Entre os trabalhos aqui analisados, as funções que lhe são atribuídas são várias: educativa; de divulgação científica; laboratorial; de promoção da cidadania e da cultura; de divulgação da universidade para fora de seus muros e aproximação com a comunidade. Esse quadro dá a entender que a TV Universitária quer ser – e em certa medida pode ser – tudo isso ao mesmo tempo, mas acaba se perdendo nessa imensidão. Prova disso é que uma das definições mais utilizadas nos trabalhos é de que a TV Universitária

(...) é aquela produzida por Instituições de Ensino Superior (IES) e transmitida por canais de televisão (abertos ou pagos), e/ou por meios convergentes (circuitos internos de vídeo, TV Web, etc.), voltados estritamente à promoção da educação, cultura e cidadania (ABTU, 2005).

Uma definição que - afora a noção de que é produzida por uma IES – poderia ser aplicável a qualquer televisão pública e até mesmo a algumas comerciais, caso da TV Futura, por exemplo. Ou seja, o diferencial da TV Universitária ainda não está dito.

Tendo essa discussão em vista, aparece o referencial teórico e prático defendido na pesquisa de mestrado da qual esse artigo faz parte, como sendo o ideal para as TVs Universitárias: a Educomunicação. A TV Universitária deve ser educacional no sentido de proporcionar a participação dos cidadãos, dando visibilidade àqueles que não são mostrados na televisão comercial e aos assuntos que lhes dizem respeito, de forma a concretizar, de fato, o direito à comunicação e o despertar de uma consciência crítica por meio de uma programação educativa, científica, cultural e, acima de tudo, cidadã.

A importância de comunicação/educação pode ser constatada nesse âmbito: desvelar a importância que a mídia tem para reforçar a exclusão, a marginalização, e procurar caminhos para abrir brechas nas quais se possa ter produtos culturais que retirem os excluídos da invisibilidade a que o sistema os condena. E reconhecê-las quando elas ocorrem. Através do conhecimento, compete à comunicação/educação levar os sujeitos a construir novos modos de atuação na mídia e no mundo (BACCEGA, 2009, p. 251).

Neste estado da arte, o referencial teórico da Educomunicação foi encontrado em apenas um artigo, “A Difusão do Conhecimento Científico Produzido Pela Universidade e Transmitido pela Televisão Universitária”, porém sem citar o termo e sem fazer uma discussão mais aprofundada. Outro artigo utilizou o termo Educomunicação, “*TV Universitária: possibilidades de diálogo com o Jornalismo Científico*”, mas apenas na introdução e conclusão, sem explicar do que se trata. Assim, percebe-se que a definição conceitual sobre a TV Universitária ainda está em aberto, e que a possibilidade de aplicar a Educomunicação neste sentido ainda não aparece nos estudos de forma consolidada.

Referências bibliográficas

- ABTU - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TELEVISÃO UNIVERSITÁRIA. **As perguntas mais comuns sobre televisão universitária, a ABTU e a RITU.** Disponível em<<http://www.abtu.org.br>>. Acesso em 20 jun 2015.
- ACCIOLY, D.C.S. **TV Universitária: A Televisão da Universidade.** In.: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. Anais.
- ACCIOLY, D.C.S. **A Difusão do Conhecimento Científico Produzido Pela Universidade e Transmitido pela Televisão Universitária.** In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. Anais.
- ALVES, A. J. A “**Revisão da Bibliografia em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis**”. Cad. Pesq. São Paulo, n. 81, p.53-60, maio 1992.
- ARGOLLO, R.V. e BARRETO, B.M.V. B. **Elementos em torno da implantação de uma televisão universitária: experiências da TV UESC.** In:XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal, RN. Anais.
- AZEVEDO, A.P. et. al. **TV Universitária: possibilidades de diálogo com o Jornalismo Científico.** .In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal, RN. Anais.
- BACCEGA, M. A.. Comunicação/Educação: Lugar de formação crítica, de disputa pela hegemonia dos significados e da práxis da comunicação. In: BARBOSA, M.; FERNANDES, M.; MORAIS, O. J.. **Comunicação, educação e cultura na era digital.** São Paulo: Intercom, 2009. (Coleção Intercom de Comunicação, nº 23.
- BARRETO, B.M.V. B. e ARGOLLO, R.V. **Entre o Mercado e Universidade: Reflexões Sobre o Processo de Construção do Conhecimento e a Formação Profissional na TV UESC.** In:XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. Anais.
- BARRETO, B.M.V. B. e ARGOLLO, R.V. **Hibridismos e experimentação de linguagens na TV universitária – o caso da TV UESC.** In:XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. Anais.
- BRINATI, F. A. e GUIMARÃES, M. F.P.F. **TVs Universitárias como Espaço para a Prática do Jornalismo Público.** In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. Anais.
- BRITTOS, V.C. et. al. **Radiodifusão, Cabodifusão e Internet: os canais da TV universitária e suas diferenças.** In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. Anais.
- CALLIGARO, D. **TVs universitárias: uma panorama das emissoras no Rio Grande do Sul.** 2007, 327 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- CONSTANTINI, A. C. **Estudo da estruturação prosódica de repórteres da TV Universitária – Unicamp antes e após intervenção fonoaudiológica.** 2010, 89 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CUNHA, A. K. **Modelo de processo de produção de conteúdo em emissora Universitária de TV Digital.** In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013, Manaus. Anais.
- FONSECA, J.B. e RANGEL, V. M. B. P. **Como é que chama o nome disso? Comunicação, Educação e Televisão: Uma aposta no hibridismo das televisões universitárias.** In:XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. Anais.
- GALHARDO, E. et al. **A TV UNESP-Assis como meio de divulgação das atividades de ensino, pesquisa, extensão e cultura desenvolvidas pela FCL – Assis.** Rev. Ciênc. Ext. v.5, n.2, p.94, 2009.

- LAURINDO, R. e BEATRICE, L. **A Relação entre a Programação, a Publicidade e a Recepção da FURB TV – Televisão Universitária de Blumenau.** Trabalho apresentado ao Seminário de Temas Livres do Intercom 2006.
- LIMA, V. S. **CNU: A TV Universitária no mercado televisivo paulistano.** In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte. Anais.
- LIMA, V.S. **Reprodutibilidade técnica em tempos de digitalização da Têve universitária Brasileira.** In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais.
- LIMA, V.S. **CNU: A TV Universitária no Mercado Televisivo Paulistano.** In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002, Salvador. Anais.
- MACHADO FILHO, F. e FERREIRA, M.F. **Jornalismo Audiovisual: da tela da TV para outras telas.** Brazilian Journalism Research - Volume 8 - Número 2 – 2012.
- MAGALHÃES, C. M. **Televisão universitária como ensino, pesquisa e extensão: 45 anos da experiência brasileira.** Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v. 19, n.1, p. 106-126, jan./jun. 2013.
- MAGALHÃES, C.M. **Os Sinos e a TV Universitária: O Papel das IES e suas Emissoras em Tempos de Convergência.** In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. Anais.
- MARCHI, G.K. et. al. **TV Universitária de Votuporanga: um estudo sobre o veículo - situação e possibilidades.** In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais.
- MARTELLI, F.C. **TV universitária, um modelo de gestão em construção: TV Unaerp de Ribeirão Preto.** 2012, 170 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade Estadual Paulista, Bauru.
- PRIOLLI, G. **TV Universitária: televisão sem complexo.** Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/televisao-sem-complexo/>. Acesso em 21 jun 2015.
- PUHL, P.R.; DONATO, A. S.; RAMOS, J. S. **Notícia com afeto: a televisão universitária como agente de construção das identidades.** In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. Anais.
- RAMALHO, A. R. **O perfil da TV Universitária e uma proposta de programação interativa.** 2010, 173 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- RAMOS, J.S.; GELONEZE, F.R.; LOPEZ, R. R. **Proposta de Implementação de Ações Multimídia nos Programas Jornalísticos da Televisão Universitária Unesp – TV Unesp.** In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. Anais.
- RANGEL, V. M. B. P. e SANTOS, C.R. **Estéticas de vídeo e existência na ambiência da têve universitária.** In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal, RN. Anais.
- SANTOS, S. M.; SILVA, F. S. P.; PASSOS, I. E. **TV Rede UVV: colaboração e experimentalismo na TV Universitária.** In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais.
- STIPP, S. B. C. **Interatividade na TV Digital Universitária: Programa Debate Livre.** 2011. 90f. Dissertação (Mestrado em TV Digital). Universidade Estadual Paulista, Bauru.
- ZUZA, Erika dos Santos. **O tempo como notícia e serviço na televisão digital: Proposta de produto para televisão universitária UNESP - HD.** 2010, 99 f. Dissertação (Mestrado em TV Digital), Universidade Estadual Paulista, Bauru.